

**FELICIANO LANA, A COSMOLOGIA INDÍGENA E A POLÍTICA CULTURAL: UMA
DIALÓGICA ENTRE CIÊNCIA, CULTURA E A CIDADANIA CULTURAL**

**FELICIANO LANA, INDIGENOUS COSMOLOGY AND CULTURAL POLICY: A
DIALOGUE BETWEEN SCIENCE, CULTURE, AND CULTURAL CITIZENSHIP**

Gabriel Cordeiro Machado¹

Iraildes Caldas Torres²

Resumo: O artigo é uma apresentação de um universo partindo de um artista que faleceu em 2020 por conta da Covid-19: o artista plástico, do povo Desana, Feliciano Lana. Este artigo tem como metodologia uma dialógica entre coisas e circunstâncias interdependentes que se relacionam na construção do conhecimento. Desta forma, há um diálogo entre conceitos e compreensões da realidade partindo da cosmologia indígena dos povos do Alto Rio Negro e que foram representadas nas pinturas de Feliciano Lana

Palavras-Chave: Feliciano Lana; cosmologia indígena; Alto Rio Negro.

Abstract: The article is a presentation of a universe starting from an artist who passed away in 2020 due to Covid-19: the visual artist from the Desana people, Feliciano Lana. The methodology of this article is a dialogue between interdependent things and circumstances that relate to the construction of knowledge. In this way, there is a dialogue between concepts and understandings of reality based on the indigenous

¹ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na mesma instituição.

² Professora titular da Universidade Federal do Amazonas. Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia, Teologia, Pastoral e Ciências Humanas da CNBB (1987); Bacharelado em Teologia pelo Instituto Superior de Filosofia Teologia Pastoral e Ciências Humanas da CNBB (1989); Bacharelado em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (1991); Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (1998); Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), e Pós-Doutorado na Université Lumière de Lyon 2, na França (2015).

cosmology of the peoples of the Upper Rio Negro, as represented in the paintings of Feliciano Lana.

Keywords: Feliciano Lana; indigenous cosmology; Upper Rio Negro.

INTRODUÇÃO

Este *paper* é a apresentação de um universo partindo de um artista que nos deixou em 2020, possivelmente por conta da Covid-19: o artista plástico, do povo Desana, Feliciano Lana. Este artigo tem como metodologia uma dialógica entre coisas e circunstâncias interdependentes que se relacionam na construção do conhecimento.

Esta produção está dividida entre três tópicos. Um conta sobre a vida do artista, outro sobre sua produção artística e cosmológica e por último sobre sua conexão com a política pública cultural através de um paralelo entre o engajamento de Feliciano com a causa indígena e a cidadania cultural. Esse diálogo se faz necessário porque em 2020 durante a pandemia da Covid-19, foi publicado um edital para concessão de auxílio financeiro para trabalhadores da cultura. Este prêmio, vinculado à Lei Aldir Blanc e operacionalizado através do Programa Cultura Criativa do Governo do Estado do Amazonas, recebeu o nome de Feliciano Lana em homenagem ao artista indígena.

Desta forma, há um diálogo entre conceitos e compreensões da realidade partindo da cosmologia indígena dos povos do Alto Rio Negro e que foram representadas nas pinturas de Feliciano Lana. Essa dialógica é construída com as anotações das aulas da disciplina “Intelectuais Indígenas na Amazônia” ministrada pelo professor doutor Agenor Vasconcelos. Isso está em convergência com um dos objetivos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia que é “Investigar os processos socioculturais que ocorreram na Amazônia e que atingem o cotidiano da vida das populações/povos regionais, a partir de uma visão de dentro da região” (PPGSCA, 2020). Compreendemos a importância de Feliciano Lana ao olharmos para a realidade amazônica sob a luz da epistemologia indígena, sob os desenhos aquarelados que desvelam as cosmologias e sob o entendimento da relevância deste artista indígena para o mundo.

EM MEMÓRIA DE FELICIANO LANA

Feliciano Pimentel Lana foi um artista plástico, uma liderança indígena e um importante comunicador intercultural do Alto Rio Negro. Do povo Desana, sua vida e obra nos levam a um universo de conceitos e circunstâncias que estão interconectadas. Sua relevância ultrapassou as fronteiras da Amazônia e ganhou notoriedade internacional com seus desenhos que expressam a cosmologia dos povos indígenas do Alto Rio Negro, como os próprios Desana e o povo Tukano.

Feliciano Pimentel Lana foi o nome dado pelos padres salesianos e seu nome de Benzimento era Sibó “filho do sol” (Calbazar, 2023). Com o pai Desana e a mãe Tukano, Feliciano difundia através de sua arte a história não somente do seu povo,

mas também toda a questão cosmo-política que relaciona os povos indígenas do Alto Rio Negro. Foi através da pintura em aquarela que Feliciano Lana assumiu o desafio de passar para as telas e papéis, imagens de um mundo invisível que remete ao imaginário indígena e seus mitos de criação do universo, da terra e dos seres indígenas e não-indígenas.

No dia 12 de maio de 2020, Feliciano faleceu aos 83 anos vítima de uma parada cardiorrespiratória. Apesar de não ter sido diagnosticado e nem ter sido testado, Feliciano Lana apresentava sintomas de Covid-19 (FARIAS, 2020). Durante a efervescência da pandemia, o Brasil sofreu com a doença e o vírus de uma necropolítica que negligenciava seu povo e lhe submetia a tratamentos experimentais cientificamente comprovados como ineficazes. A população indígena sofreu com tal descaso, uma vez que o atendimento médico era limitado pelas condições territoriais e as instituições de saúde não tinham recursos básicos para enfrentar um exponencial aumento do número de pacientes vítimas da Covid-19.

A pandemia certamente realçou crises que há tempos apresentavam sintomas. Houve um impacto econômico, político, social e cultural. É exatamente através do aspecto cultural que conectamos Feliciano Lana, a pandemia, a política pública cultural de emergência, a cidadania cultural, a resistência indígena no processo de afirmação e reafirmação de sua cultura, tradições e crenças e também o fomento às atividades culturais por meio de editais e premiações. Isto porque em 2020, após manifestação e organização da sociedade civil, trabalhadores da cultura das mais variadas áreas reivindicaram um posicionamento do governo para garantir a sobrevivência de espaços culturais, um auxílio financeiro aos artistas que pararam em virtude das medidas protetivas contra a Covid, como o isolamento social.

Esse movimento de trabalhadores da cultura conquistou a Lei Aldir Blanc que destinou 3 bilhões de reais aos estados, municípios e Distrito Federal (Gov.br, 2020). No Amazonas, através do Programa Cultura Criativa 2020 / Aldir Blanc, o prêmio da competição para a concessão de recursos para projetos artísticos, culturais e de economia criativa recebeu o nome de Feliciano Lana como homenagem. Alguns aspectos do edital deste prêmio valem um realce, como por exemplo uma categoria de premiação destinada à cultura indígena. Nele, podemos ver nomes de projetos, conceitos e intelectuais que foram estudados na disciplina Intelectuais Indígenas na Amazônia no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ministrada pelo professor doutor Agenor Vasconcelos.

Compreender a importância de Feliciano Lana para a cultura do Amazonas é fundamental. Suas pinturas trazem consigo o poder da ancestralidade e estão diretamente relacionadas a forma como os povos indígenas do Alto Rio Negro compreendem o mundo, se relacionam, se organizam, se manifestam através da música, da dança, dos benzimentos, das tradições passadas de geração em geração através da oralidade. Feliciano Lana oportuniza aos não-indígenas uma visualização do que é contado nas histórias de criação e formação da realidade de seu povo.

Partir das obras de Feliciano Lana, usar a epistemologia indígena para compreender a realidade, partir da antropologia indígena para a compreensão do

próprio povo é uma forma de se construir um conhecimento por um outro ângulo. Não é a visão dos estrangeiros, dos viajantes, dos antropólogos que adentraram as comunidades indígenas para estudá-las, e sim a visão dos próprios indígenas que habitam a Amazônia. Certamente, olhar para a região a partir de uma visão de dentro da própria região é uma das melhores metodologias quando o que buscamos é compreender mais sobre o que é a Amazônia e sobre o pensamento social que está sendo formado.

TINTA, COSMOLOGIA E AQUARELA

A arte de Feliciano Lana reverberou para além de São Gabriel da Cachoeira. Seu trabalho com o padre lituano Casimiro Béksta foi um pontapé inicial para o uso das pinturas como uma outra forma de expressar a cosmologia dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

Dentre essas pinturas podemos destacar: “Cobra-Canoa da transformação”; “O mito de Diadoe e a origem do matapi e dos pirarucus e traíras”; “O mito de Kamaueni e a origem do aracu-de-pau e outros peixes”. No livro OMERÕ - constituição e circulação dos conhecimentos Yepamahsã (Tukano), estudado na disciplina Intelectuais Indígenas na Amazônia, vemos a pintura de Feliciano Lana (2018, p.39;42) após o Kihti que fala sobre Dehsubari-oãku e outro que diz sobre Kamaweri.

O *Kihti ukūse* é um conjunto de narrativas de tempos passados onde os humanos ainda não existiam. Nessas histórias vemos o processo de criação das coisas existentes e da humanidade.

No kihti ukūse encontramos as lições, as regras, as obrigações, a origem das doenças e dos bahsese, as etiquetas e os comportamentos exigidos nas relações entre os humanos e destes com os não humanos, especialmente com os waimahsã. Além disso, a leitura e interpretação dos kihti ukūse nos permite entender a origem e dinâmica das relações entre os diferentes povos da região rionegrina, seus grupos e suas comunidades (Barreto et al., 2018, p.26)

Logo, vemos que o trabalho de Feliciano Lana vai muito além. Traz consigo a ancestralidade e a preservação de suas histórias, costumes, pensamentos, tradições, explicações de como o mundo, os animais, as paisagens, as pessoas foram criadas e como os povos foram distribuídos pelos territórios. A respeito dos Kihti sobre Dehsubari-oãku e Kamaweri, respectivamente temos um que fala sobre a origem dos lagos, cachoeiras, corredeiras e também sobre a origem das armadilhas de pesca e frutas que nascem na beira da água e o outro fala sobre a origem das técnicas de confecção de acessórios com penas, bem como abstinências e renúncias que deveriam ser feitas antes da fabricação de tais acessórios (Barreto et al, 2018)

Ao olharmos para as pinturas de Feliciano Lana podemos compreender a sua importância para a construção do conhecimento indígena e não-indígena. Esse conhecimento perpassa as relações entre os povos indígenas e a natureza, suas compreensões de criação do mundo, bem como o respeito que tem pelos processos,

tradições, espíritos da florestas (waimahsã) e seres que estão além do que os olhos podem ver.

O conhecimento está naturalmente ligado à vida, fazendo parte da existência humana. A ação de conhecer está presente simultaneamente nas ações biológicas, cerebrais, espirituais, culturais, linguísticas, sociais, políticas e históricas, por isto o ser condiciona o conhecer, que ao mesmo tempo condiciona o ser (Petraglia, 2021, p.81)

Ter o conhecimento sobre a organização dos povos rionegrinos contribui para uma melhor compreensão da Amazônia. Assim, é possível identificar fenômenos, problemas que precisam de soluções como o genocídio indígena, o silenciamento das lutas de ativistas, o desmatamento, a luta incessante do agronegócio para o avanço de suas atividades em áreas indígenas demarcadas, o garimpo ilegal. Ter o conhecimento da cosmologia indígena nos favorece o entendimento do por que devemos lutar pela nossa região, preservar e impedir que ela seja completamente destruída enquanto é vista somente como um território com recursos naturais a serem extraídos.

Através da pintura de Feliciano Lana temos contato com as mais diferentes interpretações da realidade e há muito o que ser aprendido. O conhecimento precisa ir além do que a ciência moderna prega com o pensamento enrijecido, as determinações do que é científico, o que é verdadeiro, o que é necessário. Partir da arte de Feliciano Lana é partir do sensível, é uma passagem pela subjetividade do artista, que está conectada diretamente com seus ancestrais e que se relaciona com os saberes e interpretações do mundo de cada um de nós.

Um dos conceitos usados e de importante realce é o Bahsesé. Durante a disciplina de Intelectuais Indígenas na Amazônia como parte da construção do conhecimento, a turma fez uma visita ao Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena e participou de um ritual coletivo de proteção. Neste contexto, pôde-se perceber as relações elementares entre as práticas, os acessórios, o cigarro, a fumaça e o trabalho do especialista. O Bahsesé é

[...] o repertório de palavras, expressões e discursos que possibilitam tanto a comunicação de um conhecedor especialista (kumu, yai, baya) com os waimahsã, como a capacidade de proteção ou agressão, e ainda de invocar elementos curativos, contidos nos diferentes tipos de vegetal, animal, mineral, objeto e outros, com vista à “assepsia” dos alimentos. Arte de domínio dos velhos conhecedores, traduzida literalmente pelo termo cristão “benzimento”, o conteúdo cosmológico do bahsese vai muito além, remetendo-nos ao plano de imanência conceitual tukano. Extravasa, portanto, em muito, os limites católicos literários impostos e expandidos no Alto Rio Negro (Barreto et al., 2018, p. 18)

A partir daqui criamos mais um ponto de conexão entre o artista e liderança indígena e a política pública cultural, uma vez que em 2021 foi lançado o livro “Diálogos: arte e bahsesé – ukuse: bahse merise” organizado por João Paulo Lima Barreto, Ivan Menezes Barreto, Luiz Davi Vieira Gonçalves e Viviane Palandi do grupo

de pesquisa Tabihuni. O lançamento ocorreu no dia 03 de dezembro de 2021 no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi e foi contemplado na categoria Cultura Indígena pelo Programa Cultura Criativa-2020/Aldir Blanc Prêmio Feliciano Lana do Governo do Estado do Amazonas.

Mesmo após sua morte, Feliciano Lana continuou e continua reverberando através de sua arte, contribuindo para o reconhecimento do seu povo, passando o conhecimento através de pinturas aquareladas, cujas manifestações do mundo invisível estão eternizadas em cada pincelada e em cada detalhe cuidadosamente pintado no intuito de difundir a sabedoria da sua cultura aos indígenas e não-indígenas.

Assim sendo, após conhecer um pouco mais sobre Feliciano Lana, sua vida e obra, adentramos na complexidade para reafirmar ainda mais sua importância. Importante aqui distanciar a complexidade dos seus significados mais superficiais e passageiros. Falamos de complexidade como

[...] a qualidade do que é complexo. O termo vem do latim *complexus*, que significa o que abrange muitos elementos ou várias partes. É um conjunto de circunstâncias, ou coisas interdependentes, ou seja, que apresentam ligação entre si. Trata-se da congregação de elementos que são membros e partícipes do todo. O todo é a unidade complexa. E o todo não se reduz a mera soma dos elementos que constituem as partes. É mais do que isto, pois cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo (Petraglia, 2011, p. 59)

É através da complexidade que compreendemos e conectamos todo o universo na qual Feliciano Lana faz parte juntamente com sua obra, suas lutas, suas construções de si mesmo e sua comunicação ancestral. Reafirmamos aqui neste trabalho a grandiosa contribuição deste artista para a cultura não somente Amazônica, mas também brasileira e mundial. Partir das obras de Feliciano Lana para compreender a realidade da nossa região é partir de uma visão de dentro e isto é o que se espera do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA).

Aqui neste trabalho buscamos construir um pensamento que não seja isolado. Não se trata de um artista que pouco tem a ver com a Amazônia, com o Brasil, com o mundo. Não se trata de uma liderança indígena que esteve a parte da história. Aqui, Feliciano Lana é um importante fio numa teia de interconexões. É partindo desta premissa que evocamos Morin ao dizer que

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus* : o que é tecido junto (Morin, 2003, p.89)

Essa “nova” forma de pensar nos leva a refletir sobre como podemos construir novos universos e interpretações. Como podemos superar nossas dificuldades enquanto raça humana e enfrentar os problemas tão próprios da nossa época como

o aquecimento global, o desmatamento da Amazônia, o genocídio de povos indígenas, a poluição dos nossos rios, lagos, mares e oceanos, os rastros de destruição que são deixados pela expansão e exploração capitalista através das suas mais diversificadas formas e desdobramentos. Quando paramos para procurar respostas, ou até melhor, fazer perguntas, percebemos que depende e muito do nosso ponto de observação e quais instrumentos teóricos e metodológicos, éticos e políticos, técnicos e operacionais estaremos usando para lidar com os fenômenos. Podemos dialogar mais sobre o reconhecimento dos povos indígenas a partir do Prêmio Feliciano Lana através da Lei Emergencial Aldir Blanc a partir de 2020.

PRÊMIO FELICIANO LANA E A PANDEMIA DA COVID-19

Em 2020, a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil e o descaso com que foi tratada, pelo governo até então em exercício, foi tão grande que ultrapassamos a marca de 696 mil pessoas mortas pela doença, segundo o painel Coronavírus Brasil, veículo oficial da situação epidemiológica da Covid-19 no Brasil.

O que vimos foi uma crise sanitária, a maior desde a gripe espanhola que aconteceu no começo do século XX. Dentro deste contexto pudemos ver crises dentro de crises. Crises humanitárias, éticas, morais, políticas, sociais, econômicas, todas orbitando a Covid-19. Diante desta realidade, medidas foram tomadas para tentar frear o contágio da doença, enquanto a ciência buscava compreender mais sobre o vírus. Uma das medidas adotadas pelos governos foi o isolamento social e assim todos os serviços não essenciais foram suspensos. O setor da cultura foi um dos que sofreu o primeiro impacto, isto porque museus, galerias, espaços culturais foram fechados e os trabalhadores da cultura ficaram desamparados.

P prêmio Feliciano Lana estava em conformidade com as legislações vigentes, como o edital que estava comprometido com as manifestações culturais e artísticas, tendo em sua escrita as seguintes determinações:

Este Edital está de acordo com as finalidades da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, em observância à Lei Delegada nº 123, de 31 de outubro de 2019, no que diz respeito à formação artística e profissional, à valorização da identidade amazonense, ao desenvolvimento da economia criativa, ao incentivo, valorização e difusão das manifestações culturais e artísticas do Estado (Amazonas, 2020)

As categorias contempladas pelo edital foram Artes visuais, Artes Cênicas (circo, dança e teatro), Audiovisual, Música, Literatura, Artesanato, Cultura Afro-Brasileira, Cultura Hip-Hop, Cultura Popular e Folclore, Cultura Indígena, Arte Integradas, Economia criativa e Solidária, Design, Moda, Patrimônio Cultural Material, Cultura Digital e Área Técnica. Entre essas categorias foram repassados vinte e três milhões e trezentos mil reais, sendo 50% do valor destinado à capital e 50% aos municípios do Amazonas.

Para o último tópico deste trabalho falaremos da categoria Cultura Indígena que teve 19 projetos contemplados. Alguns destes projetos foram: Reconstrução de

saberes e Práticas culturais indígenas na Cidade de Manaus, com Ivan Menezes Barreto como proponente; Kumuro: reconstrução da maloca e dos ornamentos artísticos Tukano na aldeia São Domingos Sávio, com o proponente João Rivelino Rezende Barreto; Arte e Bahsese: um diálogo sensível em tempo de cura, com João Paulo Lima Barreto como proponente; e Live show com a apresentação da dança e ritual kaxiri na kuia, com Alcineia Martins Albuquerque como proponente. Estes são alguns dos projetos contemplados e durante a disciplina Intelectuais Indígenas na Amazônia foi citado, estudado e até possibilitado a interação com alguns destes proponentes.

Num contexto de Covid-19 com tantas mortes, tanto descaso, incerteza, angústias e absurdos, este edital proporcionou que manifestações artísticas e culturais fossem reconhecidas, tratadas como essenciais para a preservação da cultura amazônica. Quando partimos da Constituição Federal (1988), temos que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Enquanto crítica, sabemos que está longe de ser o ideal, uma vez que não sabemos ao certo o alcance desses editais, mas em termos de cidadania cultural, ter a categoria Cultura Indígena incluída no edital, nos dá a noção de qual caminho devemos continuar seguindo.

No que se refere à premiação, a categoria Cultura Indígena foi contemplada com R\$ 1.610.000,00, sendo 805.000,00 para projetos na capital do Amazonas e R\$ 805.000,000 para o interior, a mesma quantia que a maioria das categorias. Este valor foi dividido entre 19 projetos. Ao olharmos para a diversidade cultural dos povos rionegrinos, percebemos quão pouco este valor e esse número de projetos pode ser. Percebermos a importância dos povos indígenas para a nossa floresta, cultura e ciência e por isso a política cultural, enquanto ferramenta de reconhecimento das expressões socioculturais desses povos, necessita ser mais abrangente estimulando a cidadania cultural através da inclusão e da diversidade facilitando o acesso às políticas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção trouxe com os seus diálogos rios de informação. Se pudéssemos tecer a sabedoria com fios de água, teríamos uma bacia hidrográfica muito maior que a Amazônica apenas partindo das pinturas aquareladas de Feliciano Lana. O objetivo deste artigo foi expor como o *Kihtí Ukuse* é fonte primária para o repertório criativo de Feliciano Lana e é fonte secundária para a cultura do estado.

É impossível falar deste artista sem falar do sensível, do outro lado, de outro modo de contemplar e compreender a vida. Feliciano Lana pintou sua história através de uma sabedoria ancestral. A disciplina Intelectuais Indígenas na Amazônia iluminou o caminho para uma maior compreensão deste universo que é pintado. A epistemologia indígena possibilitou mudanças de perspectiva sobre o ser, sobre a música, os costumes, as heranças ancestrais que são transmitidas somente através da oralidade. A antropologia indígena da obra reflexividades Indígenas traz a

necessidade do pertencimento, da luta coletiva pelo que é nosso direta e indiretamente. No fim, tudo se conecta de uma forma ou outra.

Mas, interrogações surgiram. Que artes são essas contempladas pelo Prêmio Feliciano Lana? Quem são os artistas? Sobre o que seus projetos falam? Qual a importância dessas produções para eles? Essas questões poderão ser respondidas após a pesquisa intitulada: O reconhecimento dos artistas no acesso às políticas culturais em tempo de pandemia: perspectivas e desafios. Isto porque para a compreensão deste universo está sendo feito um diálogo interdisciplinar entre a filosofia, a arte e a antropologia que pode muito bem ser a indígena. Desta forma, esta produção se encerra com muitas questões em aberto. Esperamos que fomente novas discussões e interesses e que seja sempre eternizado e reconhecido o artista que é Feliciano Lana.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Dagoberto Lima; BARRETO, João Paulo L.; BARRETO, João Rivelino Rezende; BELO, Ernesto; FRANÇA, Lorena; JR, Carlos Machado Dias; MAIA, Gabriel Sodré; SANTOS, Gilton Mendes dos; **Omerô: constituição e circulação de conhecimentos Yepamahsã (Tukano)**. Universidade Federal do Amazonas. Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI) – Manaus: EDUA, 2018

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acesso em: 3 de janeiro de 2023

CABALZAR, Aloisio. **Rio Negro perde seu Feliz: morre Feliciano Lana, que traduziu em arte as paisagens do Rio Negro**. Disponível em: <https://memoraveis.foirn.org.br/feliciano-lana/>. Acesso em 05/01/2023

EDITAL nº 05/2020 **Programa Cultura Criativa 2020/ Lei Aldir Blanc**. [Competição para concessão do prêmio Feliciano Lana para projetos artísticos, culturais e de economia criativa]. Manaus: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Amazonas, 2020.

FARIAS, Elaize. O líder do povo Desana, Feliciano Lana, morre em sua casa no Alto Rio Negro. **Amazônia Real**, 2020. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/o-lider-do-povo-desana-feliciano-lana-morre-em-sua-casa-no-alto-rio-negro/> >. Acesso em: 14/01/2023

GOV.BR. **Lei Aldir Blanc de apoio a cultura é regulamentada pelo Governo Federal**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/08/lei-aldir-blanc-de-apoio-a-cultura-e-regulamentada-pelo-governo-federal>. Acesso em: 09/01/2023

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 13. Ed -Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA. PPGSCA, 2020. **Objetivos**. Disponível em: <https://ppgsca.ufam.edu.br/objetivos.html>. Acesso em: 09/01/2023.